

COM A PALAVRA



Paulo Rizzo: enraizamento do sindicato nas bases

PERGUNTAS & RESPOSTAS

Pergunta - *Que objetivo principal a sua chapa tem ao concorrer à direção do ANDES?*

Resposta - O principal objetivo que nós temos para a gestão do sindicato é a defesa do sindicato, porque o sindicato vem sofrendo um conjunto de ataques no último período por diversas forças, que tentam de alguma forma enfraquecer o ANDES. Provavelmente seremos chapa única e vemos como principal importância não apenas a eleição de uma nova diretoria, mas a afirmação, o enraizamento do sindicato junto as suas bases.

P - *Quais as perspectivas em 2006, um ano que podem passar propostas do governo como a reforma universitária, por exemplo?*

R - Nós vamos ter uma gestão que vai pegar dois anos e o principal elemento que tem na conjuntura do país esse ano são as eleições presidenciais, eleições gerais, mas principalmente presidencial. As eleições de alguma forma fazem com que esses processos das reformas, em particular da reforma universitária, fique mais moroso, o que não quer dizer que a reforma universitária não venha sendo feita por diversas medidas, e não a partir de um único projeto. O projeto de lei da reforma que foi mandado em junho do ano passado para a Casa Civil ficou parado. Primeiro, pela crise política que teve no ano passado, e a área econômica do governo que fez uma série de objeções ao projeto, pois o mínimo de obrigações de financiamento que estão postas no projeto pelo MEC a área econômica não aceita, manda discutir de novo e eu não sei exatamente no que vai avançar, assim como as outras reformas na tramitação em termos do executivo e no Congresso Nacional tende a ser mais morosa. No entanto, se as eleições têm essa interferência de deixar mais moroso, por outro lado vai ser importante para esse processo porque acreditamos que se o Lula for reeleito ele vai estar se sentindo legitimado pelas urnas para apressar as reformas. Qual a experiência que nós tivemos com o governo Lula? Ele entra em 2003 e uma

das suas primeiras medidas foi a reforma da previdência. Coisas semelhantes vão poder acontecer se ele for reeleito e a preocupação é que tanto a reforma universitária e, principalmente a reforma sindical, tende a acelerar com a sua eleição. Se for outro candidato eleito, por exemplo, alguém do PSDB, a situação também vai estar difícil porque vai ter que implementar essas reformas que trazem prejuízos para os trabalhadores. E nós falamos o seguinte: se o PT não ganhar as eleições não quer dizer que eles vão estar junto conosco nos movimentos sociais, etc, lutando contra as reformas.

P - *Qual é a sua posição e dos componentes da sua chapa em relação a esse tema que é bastante polêmico sobre o vincular-se ou não ao Conlutas? Qual é a sua avaliação?*

R - Primeiro, esse é um tema que não tem posição na chapa. É um tema que está em discussão e as próprias pessoas que estão na chapa têm posições divergentes em relação a isso. A minha posição particular com relação a essa questão é a seguinte: a Conlutas é um movimento que aglutina forças para encaminhar lutas que as centrais sindicais não estão encaminhando, mas ela ainda não é um pólo com capacidade aglutinativa e de convocação ampla de mobilização, que é o que a conjuntura exige de nós. A posição da atual diretoria e com a qual eu concordo, sou da atual diretoria, é que não é o momento da Conlutas se formalizar enquanto uma central (sindical, a exemplo da CUT). Em termos de método, seria mais importante que ela continuasse como uma agregação de entidades, de movimentos, e buscasse aglutinar mais forças e negociar com outras forças a constituição de qualquer organização mais avançada. Os que defendem que ela seja formalizada em uma central argumentam que nós não podemos ficar esperando o dia que todos vierem para então organizar. Mas hoje no país há várias tentativas de aglutinação de forças para além da Conlutas, não é só a Conlutas. Existe a Assembléia Popular, que é um movimento

que iniciou em São Paulo baseado na Pastoral Operária em oposições sindicais e outros movimentos que não estão na Conlutas. O ANDES sempre jogou um papel de luta, de buscar unidade, de não ter pré-condições para fazer a unidade. Nos últimos dois anos nós temos atuado em todos os movimentos, em todas as mobilizações buscando exatamente costurar as diversas forças, ajudar a superar sectarismos porque acreditamos que a unidade não é apenas uma questão tática. A unidade é uma necessidade estratégica dos trabalhadores. Se a Conlutas se formaliza numa central, ela pode ao invés de ajudar nessa aglutinação de forças, criar obstáculos. E porque criaria obstáculos? Porque vários segmentos que estão fora vão ficar reticentes porque eles não foram articulados para estar junto.

P - *A oposição que está presente no congresso, uma pequena parte da oposição, faz uma avaliação de que sair da CUT levou o ANDES a um divisionismo e que isso não colabora para a unidade. Qual é a sua avaliação desse tipo de crítica, porque ela tem um outro elemento que é a própria questão do Proifex, por exemplo, que se criou e seções sindicais e professores vinculados a essas seções não estão participando do congresso. Na verdade de alguma forma esse racha está colocado. Como é que o ANDES enquanto sindicato nacional de todos os docentes e a próxima diretoria vai enfrentar essa questão?*

R - Tem semelhanças essas coisas? Tem, mas são coisas diferentes. A saída da CUT foi um processo, assim como a entrada na CUT foi um processo de discussão aprofundado, durou dois anos para que se chegasse às condições de um congresso definir a entrada na CUT. A saída da CUT também foi um processo discutido por cerca de um ano e meio para se tomar a decisão no congresso passado (2005). Mas, o que levou à saída da CUT não foi a tentativa de fazer um distanciamento do restante do movimento sindical ou dos movimentos sociais. Na verdade, nós rompemos com a CUT em função, seja da falta de democra-

cia que estava tendo na central para as tomadas de deliberações e em razão também do atrelamento, da vinculação que a direção da Central Única dos Trabalhadores começou a ter cada vez maior com o próprio Estado, com o próprio governo, ao ponto que o presidente da república chama o presidente da Central para ser ministro. Na reforma da previdência houve acordo que levou a Central e diversos sindicatos hoje a serem administradores de fundos de pensão. Enfim, aprofundou muito a partir da eleição de Lula a perda da autonomia da Central e a redução da sua democracia. No caso do Proifex, o que acontece na minha avaliação é que é um segmento que não aceita a democracia que tem dentro do ANDES. Na última eleição tiveram duas chapas, foi uma eleição disputadíssima. A diferença foi em torno de mil votos e se imaginava que a chapa derrotada iria trabalhar para se fortalecer e vir disputar agora com mais força. Mas, o caminho que eles optaram foi exatamente o de romper e tentar construir alguma outra coisa e essa tentativa na verdade não foi aceita por toda a oposição. Houve um racha no racha. No começo, o Proifex foi apresentado como um Fórum de Professores, mas logo em seguida a ADUFSCAR, APUBH, ADUFG e a ADUFPB resolveram reduzir o repasse das contribuições para a tesouraria nacional, entraram na justiça e tal. Na Paraíba isso reverteu na eleição de uma nova diretoria que também é do campo de oposição, mas que acha que tem que estar dentro do sindicato, disputando dentro do sindicato. Logo em seguida, tudo mais ou menos ao mesmo tempo, o governo, o Ministério da Educação passa a chamar o Proifex a participar das mesas dos Grupos de Trabalho do MEC. Então, como eram posições minoritárias dentro das instâncias, nós discutíamos as propostas para levar para o governo e eles perdiam, o que eles fizeram: criaram uma outra organização para pegar as propostas que não eram majoritárias e levar ao governo nas negociações. Eu acho que eles não aceitam mesmo a democracia.

PAULO RIZZO

O Sindicato está sob ataque

No 25º Congresso do ANDES, em Cuiabá (MT), de 5 a 10 de março, foram apresentadas as duas chapas que possivelmente concorrerão à direção do ANDES-SN. A número 1 é a de situação, intitulada ANDES Autônoma e Democrática. Encabeça o grupo o professor Paulo Marcos Borges Rizzo, atual 1º vice-presidente do Sindicato. Rizzo é arquiteto, professor do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina. Mestre em Geografia pela UFSC e doutorando em Urbanismo. Ministra aulas na instituição catarinense desde 1982 e, no ANDES, participou de duas gestões do início dos anos 90: gestão 90-92, gestão 92-94, e também integra a atual: 2004 a 2006. Para o candidato, é preciso construir "a unidade dos trabalhadores" e, dessa forma, defender por exemplo, o ANDES, que na sua ótica está sob ataque do governo e dos dissidentes do Movimento Docente, no caso, o ProIFES. Acompanhe a seguir a entrevista: